

PRODUÇÃO E CONSUMO DE CERÂMICA MANUAL NO CASTELO DE CASTRO MARIM DURANTE OS SÉCULOS VI E V A.N.E.

Carlos Filipe PEREIRA PINTO DE OLIVEIRA
UNLARQ – Universidade de Lisboa

RESUMO

A modelação manual é a mais antiga das técnicas de fabrico cerâmico. Em Castro Marim verificou-se a persistência desta tradição oleira em todas as fases de ocupação proto-históricas, abrangendo uma cronologia balizada entre os sécs. IX/VIII e o séc. III a.n.e. Durante este amplo lapso temporal assiste-se a um progressivo decréscimo das produções manufacturadas, motivado pela difusão da tecnologia do torno rápido. O conjunto cerâmico foi contextualizado de acordo com o faseamento proposto para o sítio, tendo-se ensaiado a sua distribuição espacial nos vários espaços ocupados durante os séculos VI e V a.n.e. O repertório formal e decorativo da cerâmica manual de Castro Marim do séc. VI a.n.e. é consistente com outros sítios indígenas “orientalizados”, nomeadamente aqueles conectados com mundo tartésico da Andaluzia Ocidental. Na segunda metade do primeiro milénio são mais evidentes as relações com o Alentejo interior e a Extremadura espanhola (nomeadamente com os sítios relacionados com o rio Guadiana), denotando-se algumas alterações na baixela, principalmente ao nível das decorações.

RESUMEN

El modelado a mano es la técnica cerámica más antigua. En Castro Marim se documenta su presencia en todas las fases de ocupación protohistórica, desde los siglos IX-VIII al siglo III a.n.e. Durante este tiempo se assiste a un decremento de las producciones a mano motivado por la difusión de la técnica del torno rápido. El elenco cerámico se contextualiza de acuerdo con la articulación cronológica y con la distribución topográfica en los espacios ocupados en los siglos VI y V a.n.e. El repertorio formal y decorativo de la cerámica a mano de Castro Marim del siglo VI es coincidente con el de otros sitios indígenas “orientalizados”, principalmente con aquellos que tienen conexión con el mundo tartésico de Andalucía Occidental. En la segunda mitad del primer milenio son más evidentes las relaciones con el Alentejo central y la Extremadura española (especialmente con los sitios relacionados con el Guadiana), percibiéndose algunas alteraciones en la vajilla, principalmente en las decoraciones.

ABSTRACT

Hand modelling is the oldest of pottery techniques. In Castro Marim it has been observed the presence of this kind of technique in all the phases of proto-historical occupation, from the 9th-8th to 3rd century B.C. During this wide period, a progressive downfall on handmade production can be seen, due to the widespread of the wheel technology. The pottery collection was contextualized with the proposed phasing of the site, and was tested its spacial distribution on the many areas occupied during the 6th and 5th centuries B.C. The decorative and formal repertoire of Castro Marim's handmade pottery on the 6th century assembles other local settlements “under oriental influence”, mostly those connected with the Tartesian area of western Andalusia. On the second half of the first millennium B.C, the relations with Alentejo's hinterland and the Spanish Extremadura are more evident, (mainly those connected with the Guadiana river), being noticed some changes on the repertory, mostly on a decorative level.

1. INTRODUÇÃO

O objectivo que presidiu à elaboração deste texto foi o de caracterizar e cartografar a baixela de cerâmica manual utilizada em Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e. O faseamento que serve de base à organização deste trabalho foi definido de acordo com os diferentes planos arquitectónicos identificados na escavação sector 1, cujos resultados foram já alvo de algumas publicações preliminares (Arruda 2005; Arruda e Freitas no prelo a; Arruda *et al.* no prelo b). A assinalável complexidade estratigráfica registada testemunha uma ocupação longa e intensa, ritmada por sucessivos momentos de construção, remodelação, demolição e reconstrução, configurando um autêntico ambiente urbano, particularmente a partir do séc. VII a.n.e.

A especificidade do tema deste encontro ditou a selecção de contextos datados dos séculos VI e V a.n.e., que se enquadram, respectivamente, nas fases IV e V da ocupação sidérica documentada em Castro Marim. A maioria dos materiais apresentados procedem de níveis situados sobre os pisos dos diferentes espaços identificados, que, em alguns casos, ofereceram exemplares fragmentados *in situ*. Publicam-se, igualmente, alguns recipientes recolhidos no enchimento de estruturas negativas, de forma a melhor caracterizar o momento de abandono de determinadas espaços. Para cada uma das fases estudadas, a amostra foi analisada de acordo com a sua distribuição micro-espacial, considerando apenas os recipientes associáveis aos contextos de abandono (Figs. 1, 2 e 3). Foi ainda realizada uma caracterização geral da totalidade dos fragmentos recolhidos em ambas as fases de ocupação, procurando definir as pautas de consumo e produção da categoria cerâmica tratada.

O presente trabalho não tem quaisquer pretensões de se constituir como uma tipologia de cerâmica manual —que seria sempre limitada e incompleta— até porque, algumas das formas reconhecidas no sítio estão ausentes nos contextos aqui apresentados. Assim, optou-se por uma divisão muito genérica das diferentes categorias formais, privilegiando como critérios de análise, não só, nem principalmente, as características morfométricas dos diversos recipientes, mas também o seu aspecto geral e potencial funcionalidade. Neste sentido, deve alertar-se para o facto dos recipientes designados potes/panelas incorporarem vasos de diferentes dimensões e perfis, podendo incluir exemplares de corpo ovóide, globular ou mesmo troncocónico. O bordo pode ser mais ou menos es-

vasado, consoante o estrangulamento registado ao nível do colo. Em raros exemplares documentaram-se também bordos de tendência vertical. A opção de reunir sob a mesma designação recipientes com formas diferentes, prende-se com a convicção de que estes poderiam cumprir serventias similares, nomeadamente a armazenagem, no caso dos contentores de maior dimensão, ou a confecção culinária e pequena reserva, no caso dos exemplares com menor capacidade. Distinguiram-se as taças e/ou tigelas das bacias/alguidares em função das dimensões que, sendo largamente superiores nesta última categoria, não se adequam a determinadas funções, como por exemplo ao consumo individual. Por outro lado, e ao contrário das primeiras, satisfazem os requisitos necessários para actividades relacionadas com a higiene pessoal, nomeadamente abluções. Não obstante, ambas as categorias possuem as mesmas formas básicas, podendo ser de feição mais hemisférica ou troncocónica; de tendência esférica (com bordo reentrante), de perfil carinado ou perfil suave em “S”.

2. FASE IV (SÉC. VI – PRIMEIRA METADE DO SÉC. V A.N.E.)

Os vestígios arquitectónicos atribuídos à fase IV testemunham um assinalável incremento do espaço construído, que no decorrer do séc. VI e primeira metade do séc. V foi alvo de diversas remodelações. A sequência estratigráfica registada sugere uma desactivação desfasada das diferentes áreas edificadas, com primazia para aquelas situadas a norte dos compartimentos 21 e 22. Com efeito, neste espaço documentou-se a presença de quatro fossas escavadas, imediatamente, sobre as ruínas dos compartimentos da fase IV, sendo posteriormente ocultadas pelos edifícios da fase V, cuja construção remonta a meados do séc. V. A existência destas estruturas negativas testemunha o lapso de tempo em que, aquela área em concreto, não se encontrava edificada, embora continuasse a ser utilizada. Por outro lado, verificou-se que os derrubes dos compartimentos localizados a Sul foram soterrados, por níveis da fase V datados pela cerâmica ática da segunda metade do séc. V, parecendo assim, fazer sentido afirmar que, estes edifícios em concreto, permaneceram ocupados ainda durante a primeira metade da mesma centúria. A esta cronologia devem também corresponder as estruturas negativas antes referidas, remetendo, para os finais do séc. VI, o momento de abandono dos compartimentos ali construídos no início do mesmo século.

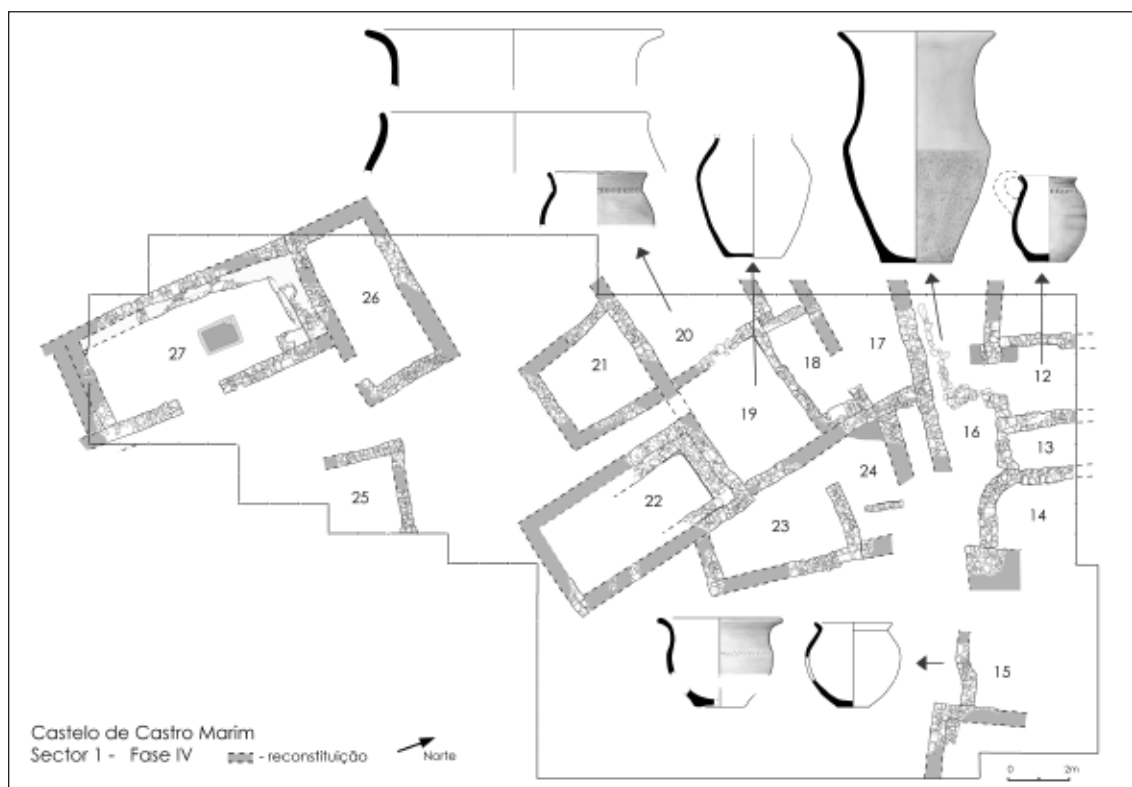


Fig. 1. – Distribuição espacial dos recipientes de cerâmica manual na planta da fase IV de Castro Marim (séc. VI).

2.1. REPERTÓRIO DA FASE DE ABANDONO E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Os contextos da fase IV encontram-se em melhor estado de conservação, tendo sido documentados alguns recipientes fragmentados em conexão, que possibilitam aferir com maior base de rigor, qual o repertório em uso aquando desactivação das diferentes áreas edificadas. Como atrás se referiu a fase IV compreende dois momentos de abandono distintos, aos quais correspondem materiais de tafonomia e, obviamente, cronologia diferente, sendo, por isso, tratados em separado.

O momento de abandono mais antigo corresponde à desactivação dos compartimentos localizados da zona Norte e central da escavação, que foram intensamente ocupados, como demonstram algumas remodelações documentadas. Na figura 1 encontram-se representados todos os recipientes que se podem associar indiscutivelmente à derradeira ocupação dos espaços onde foram recolhidos, uma vez que se encontram fragmentados *in situ*. Fica desde logo claro, que os únicos recipientes nestas condições se integram na categoria pote/pa-

nela, reportando-se, portanto, a actividades correntes, como a pequena armazenagem e a confecção culinária, denunciando, assim, um carácter eminentemente doméstico da área abandonada.

No compartimento 12 recolheu-se um pequeno contentor de aspecto tosco, paredes queimadas e dotado de uma asa vertical que deve ter servido como panela de ir ao lume, resultando significativo a sua descoberta num espaço equipado com de lareira, ao qual se pode atribuir, uma funcionalidade relacionada com actividades culinárias. Este recipiente encontra-se decorado com incisões ao nível do bordo e uma fileira digitada abaixo do colo (Fig. 4, n.º 1844), um esquema comum em contextos sídericos do Sudoeste peninsular. A associação desta forma com esta decoração corresponde à forma I e motivo XVII da tipologia de Ladrón de Guevara (1994), que assinala a sua particular incidência na zona de Huelva (C. de S. Pedro, C. de la Esperanza, S. Bartolomé de Almonte e C. Salomón). Este exemplar e um outro recolhido no compartimento 20 (Fig. 4, n.º 15238) permitem rebaixar, para finais do séc. VI a.n.e., a cronologia proposta para o desaparecimento deste esquema decorativo, que a au-

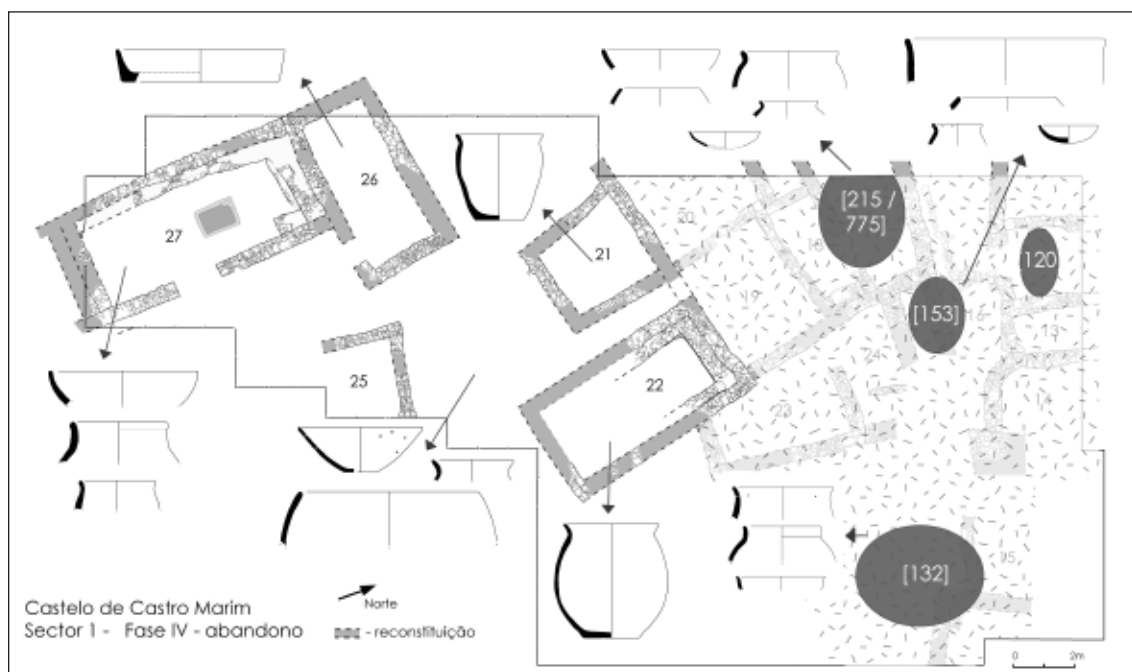


Fig. 2.— Distribuição espacial dos recipientes de cerâmica manual na planta da fase IV de Castro Marim (primeira metade do séc. V a.n.e).

tora situa nos inícios da mesma centúria (Ladrón de Guevara 1994: 335).

O acesso ao compartimento 12 fazia-se por um pequeno “alpendre” construído no último momento de utilização da área 16, que funcionou como uma rua. Junto a esta estrutura, recolheu-se um pote de ampla capacidade equiparável aos, comumente, denominados “vasos à chardon” (Fig. 5, nº 1790). A peça em questão possui o fundo plano, a partir do qual se desenvolve o corpo troncocónico, separado do colo por uma suave carena central. O colo é muito desenvolvido e de morfologia acampanada, culminando num bordo amplamente exvertido. As partes inferior e superior apresentam tratamentos diferenciados, sendo que a primeira foi apenas ligeiramente alisada, enquanto que a segunda se encontrava polida em toda a parede externa e numa faixa da superfície interna. As características morfométricas evocam uma utilidade conectada com a armazenagem móvel ou “quotidiana”, nomeadamente de produtos sólidos. A descoberta deste exemplar completo oferece especial interesse, pois permite confrontar o seu perfil com o de outros exemplares conhecidos, revelando algumas características próprias de uma fase avançada deste tipo de formas, nomeadamente um corpo inferior troncocónico, ao invés de globular como sucede nos exem-

plares mais antigos. Não sendo uma forma muito frequente nos contextos sidéricos da Península Ibérica é, no entanto, bem conhecida, encontrando-se igualmente reproduzida a torno, quase sempre coberta de engobe vermelho ou pintada em bandas. Vários autores têm sublinhado a sua incidência, especialmente do tipo manufacturado, em sítios indígenas da Andaluzia e Extremadura, em particular nas necrópoles, onde são utilizadas como urnas. Com efeito, sítios como La Joya (Garrido 1970; Garrido e Orta 1978), Medellín (Almagro-Gorbea 1977) ou Mesa de Setefilla (Aubet *et al.* 1983) confirmam a utilização de vasos “à chardon” ao longo do período orientalizante, constituindo uma forma comum em contextos funerários. Não obstante, formas afins foram também documentadas em alguns povoados, ainda que raramente se recolham exemplares que permitam a reconstituição de perfis completos. Não se pode deixar de referir que a peça em questão aparenta grandes similitudes morfológicas com um exemplar exumado na sepultura 12 da necrópole Medellín, datada de finais do séc. VI (Almagro-Gorbea 1977: 400, fig.157, nº3), coincidindo com a cronologia proposta para o abandono de alguns edifícios da fase IV de Castro Marim.

Na área em frente ao compartimento 15, que, provavelmente, corresponde ao prolongamento da



Fig. 3.— Distribuição espacial dos recipientes de cerâmica manual na planta da fase V de Castro Marim (segunda metade do séc. V a.n.e).

rua acima referida, foram recuperados dois recipientes da categoria Pote/Panela: um de morfologia globular com forte estrangulamento ao nível do colo (Fig. 4, nº 2992) e outro de forma aberta com o bordo amplamente esvasado, colo muito desenvolvido de tendência vertical e corpo hemisférico (Fig. 4, nº 3290). Este último, apesar de não constituir uma forma muito comum, encontra paralelos em alguns recipientes modelados a torno, podendo citar-se, a título de exemplo, um vaso coberto com engobe vermelho, procedente de Santa Olaia (Figueira da Foz), (Pereira 1997: 246, fig. 15 nº 2 e 248, fig. 117 b). O exemplar de Castro Marim ostentava uma fileira de pequenas incisões oblíquas ao nível da pança (Fig. 4, nº 3290), que constitui uma decoração relativamente frequente em vários sítios da Andaluzia quer indígenas, quer coloniais, destacando-se as suas semelhanças com um outro recipiente procedente de S. Bartolomé de Almonte (Fernández Jurado, Ruiz-Mata 1986: lam. LVIII, nº778). Apesar das consideráveis diferenças morfológicas, ambos recipientes recolhidos em frente

ao compartimento 15 parecem ter funcionado como panelas, tendo em conta o seu aspecto tosco e principalmente os sinais de exposição reiterada ao fogo. A preparação culinária em espaços descobertos é, assim, uma possibilidade que deve ser considerada e que, aliás, é também sugerida pela presença de la-reiras nestas áreas.

No complexo construtivo da área central da escavação, a ocorrência de recipientes fragmentados *in situ* é mais rara, resumindo-se a um único exemplar, identificado junto à parede Norte do compartimento 19 (Fig. 5, nº 10162). Trata-se de um contentor de média capacidade que se encontrava, parcialmente, enterrado no piso, pelo que pode ser relacionado com a armazenagem fixa, possivelmente de líquidos, conforme sugere a sua morfologia fechada.

Deve ainda referir-se um contexto escavado no compartimento 20, onde se documentou presença exclusiva de recipientes da categoria pote/panela, nomeadamente de dois exemplares de grande capacidade, bem como um outro contentor ornamen-

tado com os mesmos motivos identificados na panela do compartimento 12, reforçando a tipicidade desse esquema decorativo nos contextos de abandono desta área em concreto (Fig. 4, nº 14448, 14379, 15238, 14449, 144450).

Como se viu na introdução deste ponto, os dados estratigráficos conjugam-se no sentido de poder defender-se, que os compartimentos localizados na zona mais a Sul foram abandonados em momento posterior aos que acima analisados. De facto, e apesar da escassez de elementos datantes, parece possível supor que os primeiros alcançaram a primeira metade do séc. V, enquanto que os localizados a Norte terão sido desactivados ainda no séc. VI, possivelmente na sua etapa final. Sobre as ruínas deste último complexo, foram escavadas algumas fossas, cuja posição estratigráfica permite relacionar com a ocupação mais tardia (Fig. 2).

Nos compartimentos 21 e 22 recolheram-se duas peças completas, ambas da categoria Pote/Panela (Fig. 6, nº 10214 e fig. 5, nº 10212, respectivamente). O facto de não ostentarem sinais evidentes de exposição ao fogo afasta a sua interpretação como panela de cozinha, remetendo-a para actividades relacionadas com pequena armazenagem. A reduzida área escavada em ambos os espaços dificulta um esclarecimento cabal da funcionalidade destes. Contudo, pode dizer-se que a presença destes recipientes no seu interior sugere um carácter doméstico, ainda que, as suas distintas dimensões e os equipamentos documentados no compartimento 21, deixem antever uma utilização diferenciada.

No compartimento 26 recolheu-se um conjunto de cerâmica manual muito restrito, onde pontua o único recipiente classificado como sertã (Fig. 6, nº 5013). Trata-se de uma forma de base plana e muito ampla, a partir da qual se desenvolvem paredes curtas e ligeiramente inclinadas, sendo que o diâmetro do bordo é ou pouco maior do que o do fundo. Em estudo dedicado à cerâmica manual de Cartago, K. Mansel (2005: 260-261) integra estes recipientes no lote das produções tipicamente fenícias e destaca a sua presença em muitos sítios do Mediterrâneo, desde o Magreb à costa Sul peninsular, pelo menos desde o séc. VIII, prolongando-se até ao séc. IV, particularmente em alguns contextos funerários da Tunísia. Na Península Ibérica, integram os inventários das principais colónias do litoral Sul a partir de finais do séc. VIII/ inícios do VII, perdurando até ao séc. finais do VI/ inícios do V, de acordo com os exemplares procedentes de Málaga (*Apud* Mansel, *Ibidem*: 261, nota de rodapé nº 5). Por outro lado, Ruiz-Mata assinala a incidência

desta forma na área onubense e Baixo Guadalquivir, onde, segundo o autor, constituem um elemento característico do denominado *Bronze Final pré-fenício* (Ruiz-Mata 1995: 266-267). A morfologia deste tipo de recipientes e alguns exemplos etnológicos sugerem a sua serventia na secagem ou tostagem de cereais e frutos, bem como na cozedura de pão. A este respeito, importa esclarecer que alguns dos exemplares conhecidos em outros sítios têm perfurações na base, quiçá para potenciar o aquecimento da superfície interior e, conseqüentemente, melhorar o desempenho na cozedura. Outro argumento que poderá ser evocado para defender a utilização destes recipientes na confecção de pão reside na forma circular que configuram, sugerindo ligações a ancestrais tradições de panificação, com particular relevo para as de origem semita. A amostra exumada no compartimento 27 é consideravelmente mais vasta, mas seu estado de preservação não autoriza uma associação directa às actividades desenvolvidas neste compartimento, uma vez que se tratam de fragmentos muito diminutos. Não obstante, parece importante mencionar que foram documentados vários tipos de Potes/Paneles definidos, bem como diversas taças e tigelas de perfil hemisférico.

No compartimento 25, apenas os níveis relativos à sua construção se encontravam conservados. Não obstante, o exemplar que foi aí recolhido está inegavelmente associado a este espaço, pois foi utilizado como parte de um ritual de fundação. Trata-se de amplo fundo côncavo, que se encontrava completo, mas com o perfil muito truncado, impossibilitando reconhecer a morfologia do recipiente que integrava (Fig. 6, nº 10918). Paradoxalmente, é o único exemplar de todo o conjunto estudado que não oferece dúvidas quanto à sua funcionalidade, uma vez que, no seu interior, jazia parte do esqueleto de um neo-nato, demonstrando assim a sua serventia como urna. Apesar de constituir uma situação inédita no Ocidente peninsular, os enterramentos infantis em espaços públicos ou domésticos estão bem documentados ao longo da costa oriental, em especial no Nordeste espanhol e Sul de França, onde se enquadram na denominada “Cultura Ibérica”, (AAVV 1989), coincidindo cronologicamente, com os exemplos escavados em Castro Marim. A identificação deste rito fundacional e a sua associação a este tipo de fundos alertam para a possibilidade do compartimento 25 ter sido construído num momento tardio da fase IV, provavelmente, já durante a primeira metade do séc. V a.n.e. Com efeito, à excepção deste caso concreto, quer os enterramentos rituais,

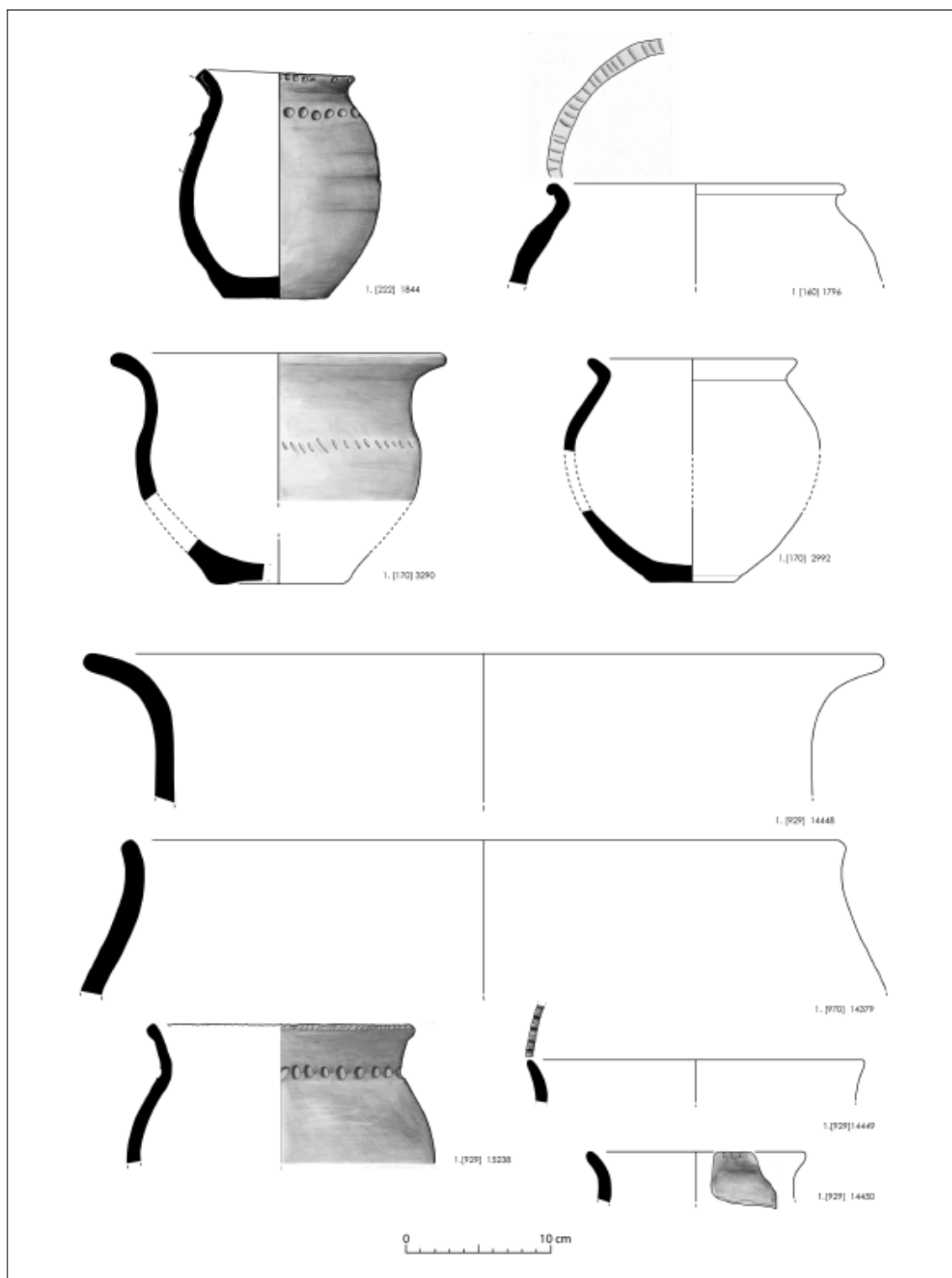


Fig. 4.– Cerâmica manual da fase IV recolhida no compartimento 12 (UE-222), em frente ao compartimento 15 (UE-170) e no compartimento 20 (UE-929).

quer os fundos côncavos foram documentados unicamente na fase V, podendo ser datados da segunda metade do séc. V.

A área entre os compartimentos 21, 22, 25 e 26 constitui um espaço descoberto que define uma pequena “praça” à volta da qual se distribuíam diversos edifícios. Neste espaço, recolheu-se um escasso conjunto de materiais, entre os quais se destaca uma taça hemisférica, fracturada *in situ*, junto ao compartimento 21, que mostrava sinais de um restauro antigo, como demonstram os “gatos” identificados (Fig. 6, nº 10216). No mesmo contexto recolheram-se alguns fragmentos de potes/panelas (Fig. 6, nº 13369 e 10442), assim como parte de uma bacia/alguidar de tendência esférica (Fig. 6, nº 10441), uma forma que atingirá o auge da sua popularidade a partir da segunda metade do século. V a.n.e, ou seja já na fase seguinte.

Ao derradeiro momento da fase IV correspondem, igualmente, quatro fossas localizadas na zona Norte da área escavada, que documentam o lapso de tempo que medeia entre a desactivação de alguns dos compartimentos desta fase e a reestruturação urbanística inaugurada na fase V. A presença destas estruturas negativas testemunha um momento durante o qual parte da área escavada parece ter sido utilizada como vazadouro. Parece importante referir que, embora todas partilhem a mesma posição estratigráfica relativa, não é possível estabelecer relações de anterioridade e posterioridade entre estas, uma vez que cortavam e eram sobrepostas por estratos diferentes e sem relação física entre si. A quantidade de espólio recolhido nos respectivos enchimentos é também muito variável, sendo relativamente abundante em [775], enquanto que em [120] é quase inexistente. Na primeira, o conjunto é dominado por taças de morfologia hemisférica e/ou troncocónica, encontrando-se representados também alguns exemplares de tendência esférica (Fig. 7). Pela sua raridade no conjunto, importa destacar a presença de uma tigela com decoração brunida no interior, cujo motivo desenhado corresponde a um esquema evolucionado das gramáticas decorativas habituais neste tipo de produções, condizendo com a sua avançada cronologia (Fig. 7, 13530). Os Potes/Panelas integram, igualmente, o conjunto tendo sido documentado um exemplar de bordo denteado (Fig. 7, 12057). Alguns dados parecem conjugar-se no sentido de se poder propor uma relativa antiguidade deste conjunto, comparativamente com os documentados nas outras estruturas negativas. Assim, deve salientarse que os exemplares decorados ocorrem, exclusivamente, neste contexto e que a ponderação

estatística da relação manual/torno é relativamente elevada (22 %), quer em comparação a cifra estabelecida para o conjunto total da fase IV (20 %), quer em relação à amostra da fossa [132] (10 %). Esta última compunha-se quase unicamente por fragmentos de recipientes do tipo potes/panelas, que se encontravam misturados com uma grande quantidade de malacofauna (Fig. 7). Para a fossa [153] não foi possível estabelecer o índice da relação manual/torno, uma vez que a amostra total é bastante restrita. Não obstante, cumpre assinalar a presença, neste contexto, juntamente com outros fragmentos de Potes/Panelas e uma pequena tigela hemisférica de fundo convexo (Fig.7).

2.2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA

A cerâmica manual recolhida nos níveis correspondentes à fase IV totaliza um conjunto 538 indivíduos (N.M.I.) que equivalem a 20 % do conjunto cerâmico isolado para este período. A olaria manual sofre um considerável decréscimo, acompanhando a tendência registada em outros sítios com ocupação síncrona e conectados com a influência orientalizante. O índice de cerâmica manual estimado para esta fase (20 %) é consistente com o valor obtido no nível V da escavação de Puerto 6 (26.8 %), em Huelva, datado de meados do séc. VI e integrado no Tartéssico Final III (Fernández Jurado 1988-1989: 108-141). Não obstante, outras intervenções na mesma cidade e que entregaram espólio de igual cronologia e período cultural apresentam cifras, relativamente, mais modestas, oscilando entre os 6.3% no nível III.C de Puerto 9 (*idem, ibidem*) e os 12.2% contabilizados no nível I.B de Botica 10-12 (Rufete Tomico 2002: 32). Em comparação com o Baixo Guadalquivir, o índice de cerâmica manual de Castro Marim é superior aos resultados calculados para a ocupação do séc. VI registada no corte estratigráfico de San Isidoro (fase III - 3.9%) em Sevilha (Campos *et al.* 1988: 21), assistindo-se ao seu desaparecimento a partir desta cronologia. No Cerro de la Cabeza, o abandono da técnica manufacturada dá-se ainda em momento mais precoce, cujos escavadores situam a partir de finais do séc. VII (Domínguez de la Concha *et al.* 1988: 181). Comparando com regiões mais interiores, verifica-se uma quase coincidência com cifra obtida nos estratos 8 (24%) e 7 (18.5%) de Medellin, que dizem respeito à ocupação do sítio durante o séc. VI (Almagro-Gorbea e Martín Bravo 1994). Todavia, este sítio parece constituir uma verdadeira excepção numa área ainda muito marcada pelas tradições olei-

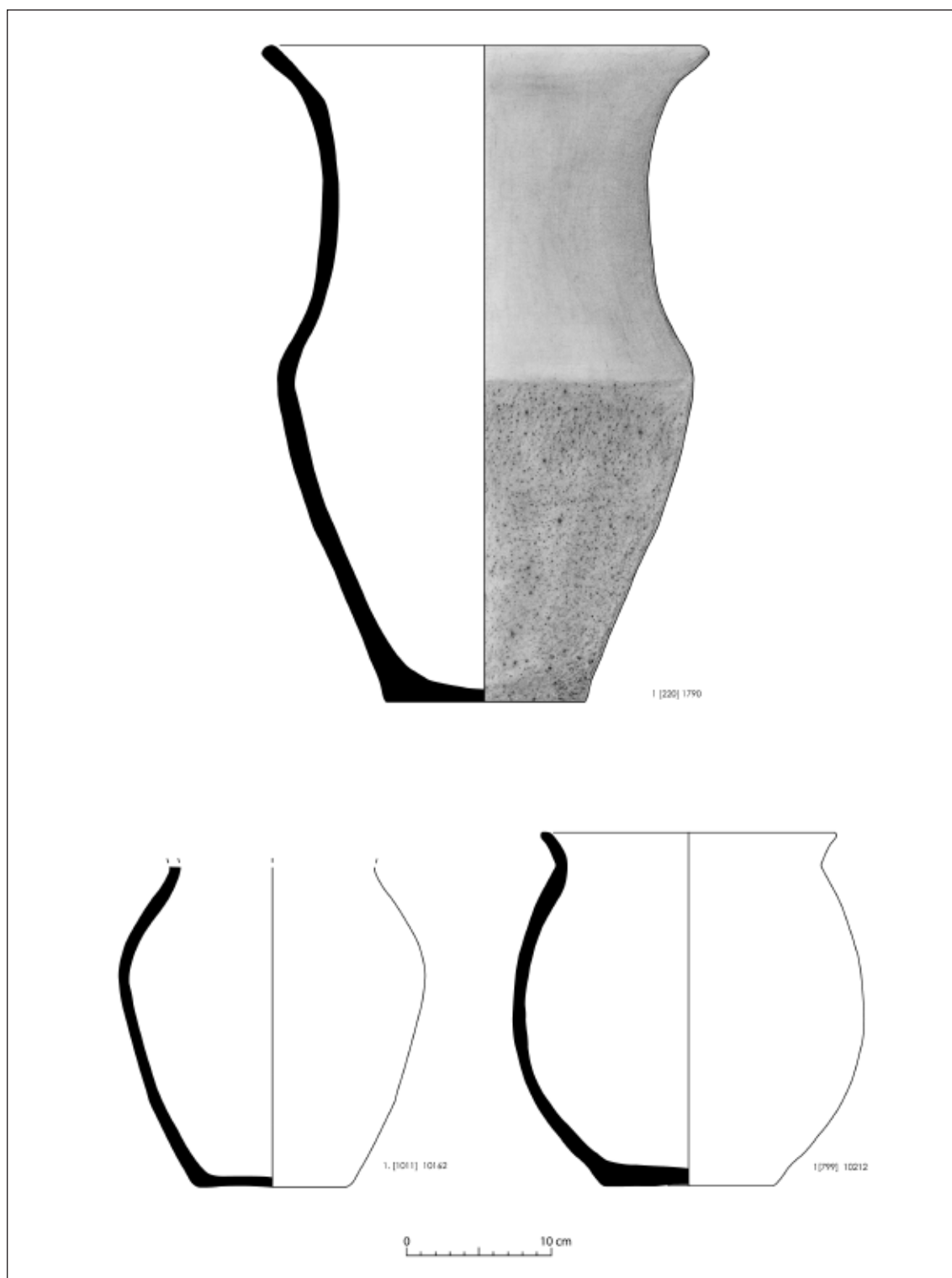


Fig. 5.– Cerâmica manual da fase IV recolhida em frente ao compartimento 12 (UE-220) no compartimento 19 (UE-1011), e no compartimento 22 (UE 799).

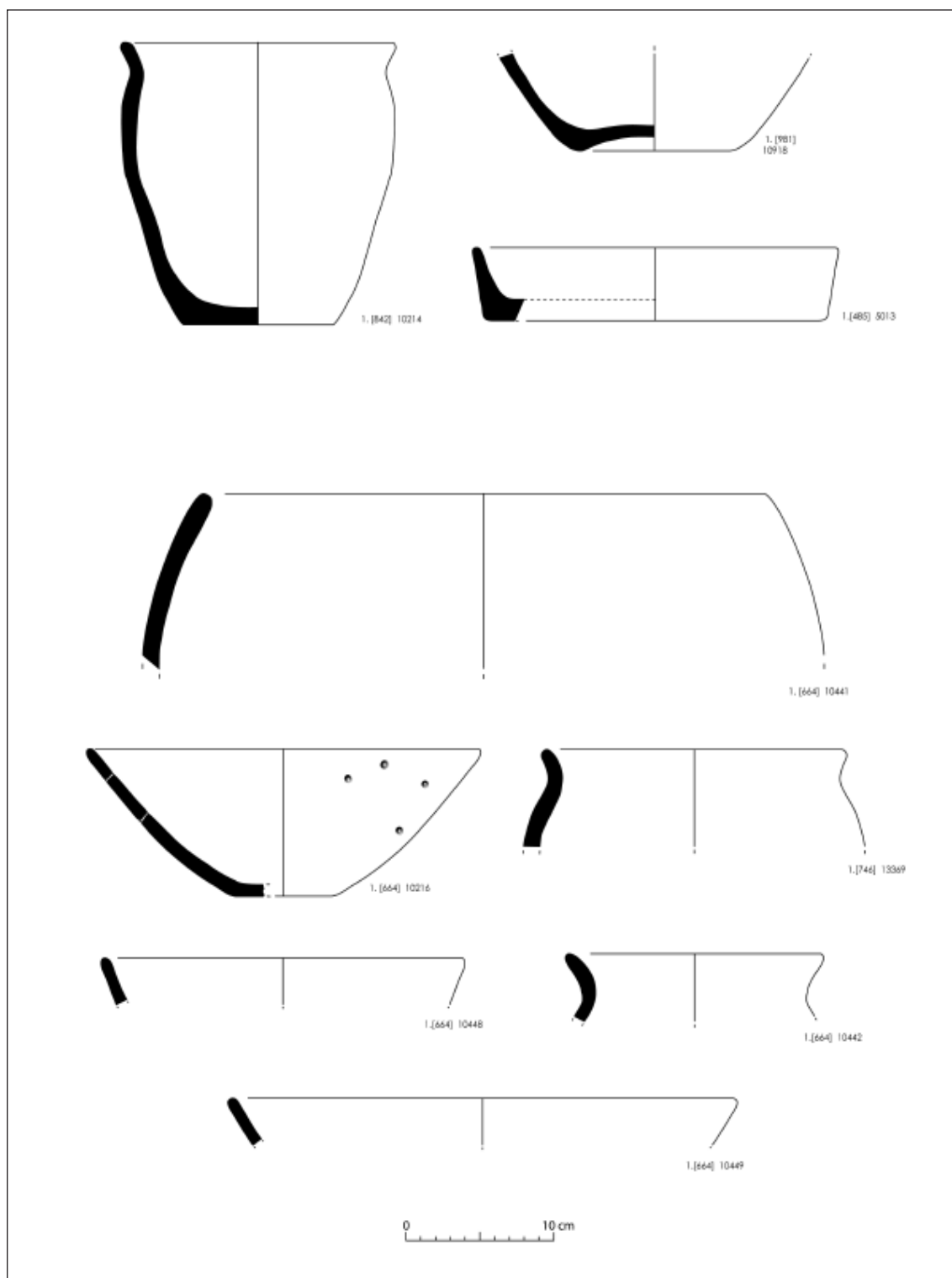


Fig. 6. – Cerâmica manual da fase IV recolhida no compartimento 21 (UE-842) no compartimento 25 (UE-981), no compartimento 26 (UE-485) e na praça entre os compartimentos 21, 22, 25 e 26 (UE-664).

ras ancestrais, como foi possível observar, por exemplo, na Herdade da Sapatoa (Alentejo Central) (Mataloto 2004: 77) ou em Los Caños (Extremadura) (Rodríguez Díaz *et al.* 2006), ambos datados entre finais do séc. VI e a primeira metade do séc. V a.n.e, onde as produções manuais representam ainda 38% e 33% da respectiva baixela cerâmica.

O repertório formal desta fase é muito próximo daquele registado na ocupação do séc. VII a.n.e. Não obstante, a distribuição das principais categorias formais inverte-se, sendo agora maioritários os contentores do tipo pote/panela. Com efeito, mais de metade (53 %) dos fragmentos classificáveis correspondem a recipientes desta categoria, com predominância para os exemplares com corpo de tendência ovóide ou globular, colo estrangulado e bordo esvasado. Em conjunto, as taças e/ou tigelas totalizam 45 % da amostra, sendo mais uma vez evidente a preferência por formas de perfil hemisférico. De facto, durante o séc. VI acentua-se a tendência verificada a partir do Bronze Final para uma crescente suavização dos perfis, sendo as taças carenadas já bastante raras. Por outro lado, os exemplares de perfil hemisférico representam 69 % do total de recipientes desta categoria, enquanto que, no momento anterior, esta cifra se situava nos 57 %. O decréscimo verificado nas taças e/ou tigelas é particularmente visível nos exemplares de menor dimensão, geralmente associados ao consumo individual de alimentos, tornando-se, assim, evidente que esta funcionalidade passa a ser cumprida quase exclusivamente por louça modelada ao torno. Os recipientes classificados de bacia/alguidar compõem 2% da amostra, podendo distinguir-se exemplares de perfil hemisférico ou de tendência esférica. A única novidade no repertório desta fase é protagonizada pela identificação de um recipiente classificado como “sertã” (Fig. 6, nº 5013), que, como já se viu, tem amplos paralelos em sítios peninsulares indígenas e coloniais, bem como ao longo de toda a costa mediterrânea.

Do ponto de vista estilístico verificam-se algumas diferenças comparativamente com o conjunto da fase anterior, uma vez que não se documentaram recipientes com ornatos brunidos na superfície externa ou ornamentados com motivos “beliscados” e pintados. Não obstante, o índice de exemplares decorados mantém-se bastante reduzido (5 %) e os recipientes da categoria pote/panelas continuam a ser os preferidos para receber decoração (8.7 %). Nestes, o motivo mais comum é o “dentado” sobre o bordo, executado por incisão ou por impressão. Em quatro indivíduos, este motivo encontra-se combinado com uma fileira de digitações

impressas no colo, ou pouco abaixo deste. Documentaram-se também alguns exemplares com decoração incisa sobre o bojo, sendo vários os motivos desenhados: fileiras de traços oblíquos ou verticais, reticulados e linhas quebradas convergentes. Em suma, pode dizer-se que as incisões sobre o bordo constituem a mais popular das técnicas decorativas da cerâmica manual durante o séc. VI, fazendo perdurar uma tradição com raízes na Idade do Bronze.

Documentou-se também a ornamentação de cerâmica manual com desenhos brunidos na superfície interna. Destaca-se um exemplar de uma pequena tigela de perfil suave decorada com motivos triangulares justapostos aos pares, em que um dos vértices se encontra apontado para o centro do recipiente. Não identifiquei qualquer paralelo exacto para este motivo, que parece representar um tipo já muito evolucionado das gramáticas decorativas normalmente desenhadas nestes recipientes, condizendo com avançada cronologia do seu contexto de recolha. Porém, não excluimos a hipótese de esta peça se encontrar descontextualizada em relação à fase que estratigraficamente se integra. No entanto, deve dizer-se que as decorações brunidas, apesar de serem raras em contextos do séc. V, são no entanto conhecidas em alguns sítios, como por exemplo em La Mesa de Setefilla, onde se documentam até à fase Ibérica (Aubert *et al.* 1983: 108-109).

3. FASE V – SEGUNDA METADE DO SÉC. V – SÉC. IV

A fase V corresponde à ocupação do sítio entre a segunda metade do séc. V e o séc. III, inclusive. Os vestígios arquitectónicos postos a descoberto permitiram verificar que o espaço foi alvo de uma profunda renovação urbanística. Os compartimentos 29, 30 e 31 constituem a áreas edificadas mais antigas, devendo ter sido construídos ainda no decurso da segunda metade do séc. V. Não obstante, as várias remodelações documentadas nestes compartimentos demonstram que a sua ocupação se prolonga durante o século IV, tendo, portanto, assistido à construção dos restantes edifícios que compõem o plano arquitectónico desta fase.

3.1. REPERTÓRIO DA FASE DE ABANDONO E SUA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

O espólio recolhido nas diferentes u.e’s da fase V constitui um conjunto vasto e muito diversifi-

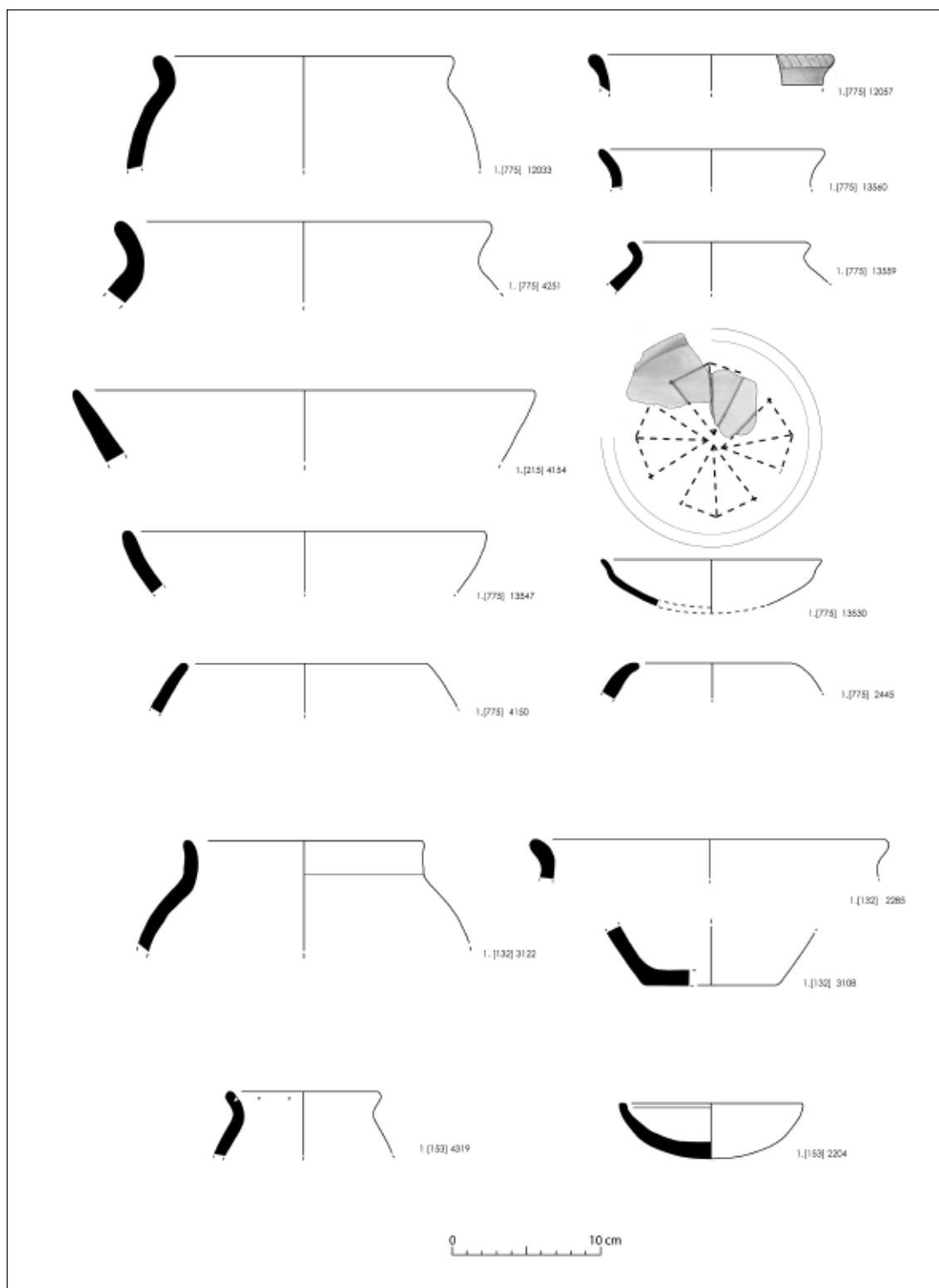


Fig. 7.– Cerâmica manual recolhida nas várias estruturas negativas do período tardio da fase IV.

cado, onde pontuam algumas novidades relativamente ao período anterior. Os contextos de abandono mais antigos foram escavados nos compartimentos 29, 30, 31 e 32 (Fig. 3), devendo corresponder, de acordo com associação a cerâmica ática, nomeadamente taças Cástulo, a uma cronologia de finais do séc. V a.n.e. O compartimento 30 entregou o conjunto mais escasso, embora as formas representadas coincidam com o repertório recuperado nas restantes divisões. Assim, cabe mencionar a presença de taças hemisféricas, uma das quais com uma pequena “aleta”, contentores da categoria pote/panela de capacidade mediana e ainda bacias/alguidares de tendência esférica (Fig. 8, nº 11952, 11946, 12200, 12203).

O compartimento 31 constitui um autêntico contexto primário, ainda que, no respeitante à cerâmica manual, tenham sido poucos os recipientes recuperados intactos. Esta situação contrasta com o ocorrido nas outras categorias cerâmicas, especialmente nas ânforas, que compunham grande parte do conjunto. Entre os materiais recolhidos, contam-se também vários recipientes de cerâmica ática, cerâmica cinzenta e cerâmica comum, principalmente formas abertas do tipo taça (Arruda *et al.* no prelo). A olaria manual recuperada neste contexto é, estatisticamente, pouco expressiva representando apenas 5% da amostra total. Não obstante, constitui um conjunto diversificado, composto por vários recipientes do tipo pote/panela, bacia/alguidar, um copo, assim como algumas taças (Fig. 9). Entre estas, cabe destacar um exemplar com a “asterisco” inciso na base, e um outro fragmento de fundo em que, à volta do ônfalo central, foram desenhadas, por incisão, pétalas, resultando numa representação incrivelmente realista de uma flor (Fig. 9, nº 3093 e 2026). Os habitualmente denominados *platos margarita* procedentes de Cancho Roano e La Mata constituem os melhores paralelos decorativos, para este exemplar. Com efeito, apesar de ostentar uma técnica bem distinta daquela utilizada nos *platos margarita*, a peça de Castro Marim reproduz um esquema decorativo muito semelhante, partilhando, também o mesmo âmbito cronológico (meados/finais do séc. V). Em relação a estes tipos de produções, julgo importante referir, que, em Cancho Roano, foi considerada a hipótese de conterem cosméticos ou narcóticos (Celestino e Jiménez Ávila 1996: 222), hipótese recentemente confirmada em La Mata, onde a análise dos conteúdos acusou a presença de um opiáceo (*papaver somniferum*) (Rodríguez Díaz e Ortiz 2004: 220). Devido ao motivo vegetalista que ostentam, também já foi sugerida a sua vinculação a rituais rela-

cionados com o culto de Astarté ou Tanit (Celestino 2001: 49). A categoria bacias/alguidares está representada por recipientes de tendência esférica, dotados de asas cegas e, num dos casos, de um cordão horizontal (Fig. 9, nº 1712 e 2039). Deve ainda referir-se a presença de um pequeno copo (Fig. 9, nº 7422), bem como de um recipiente de forma aberta, munido com uma asa cega (Fig. 9, nº 4561). O espaço onde este contexto foi recuperado tem vindo a ser interpretado como um *bothros*, anexo a um local de culto, situado no compartimento 29 (Arruda *et al.*, no prelo). Infelizmente, este último entregou um conjunto de cerâmica manual muito reduzido e fragmentado que, dificilmente, pode ser atribuído às actividades aí desenroladas.

Do compartimento 32 apenas se escavou uma pequena parte junto ao canto Sul, que, não obstante, entregou um significativo conjunto de materiais fragmentados *in situ* (Fig. 8, nº 10434, 10426, 10428, 10048, 10213, 13627). A olaria manual representa 19% deste contexto, um valor bem mais elevado do que o registado no compartimento 31, denunciando, certamente, uma funcionalidade diferenciada. O conjunto reparte-se pelas categorias pote/panela e taças hemisférica, mas deveria incluir também, uma Bacia/Alguidar, da qual, no entanto, restam escassos fragmentos, num dos quais se identificou uma asa cega (Fig. 8 nº 10434). Das duas taças recuperadas, uma apresentava-se lisa e outra munida com dois pares de asas análogas às acima referidas. Os potes/Panelas deste contexto são contentores de dimensão e morfologia variável, que devem ter cumprido uma funcionalidade distinta, conforme sugere, também, o aspecto das suas paredes. Assim, se para os recipientes nº 10426, 13627 parece provável uma utilização como panela de ir ao lume, uma vez que a superfície exterior mostrava sinais de exposição ao fogo, o mesmo já não se pode dizer em relação a um exemplar nº 10048, que, para além de não apresentar este tipo de sinais, se encontrava perfurado na parte inferior.

3.2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA

A cerâmica manual recolhida nos níveis da fase V totaliza um conjunto 349 indivíduos. Comparando com o período anterior, este valor traduz um significativo decréscimo, não só em termos absolutos, mas também relativamente ao conjunto da olaria produzida a torno. De facto, a ponderação estatística dos vários tipos cerâmicos informa que, nesta fase, a modelação manual foi a técnica empregue no fabrico de apenas 11% dos recipientes,

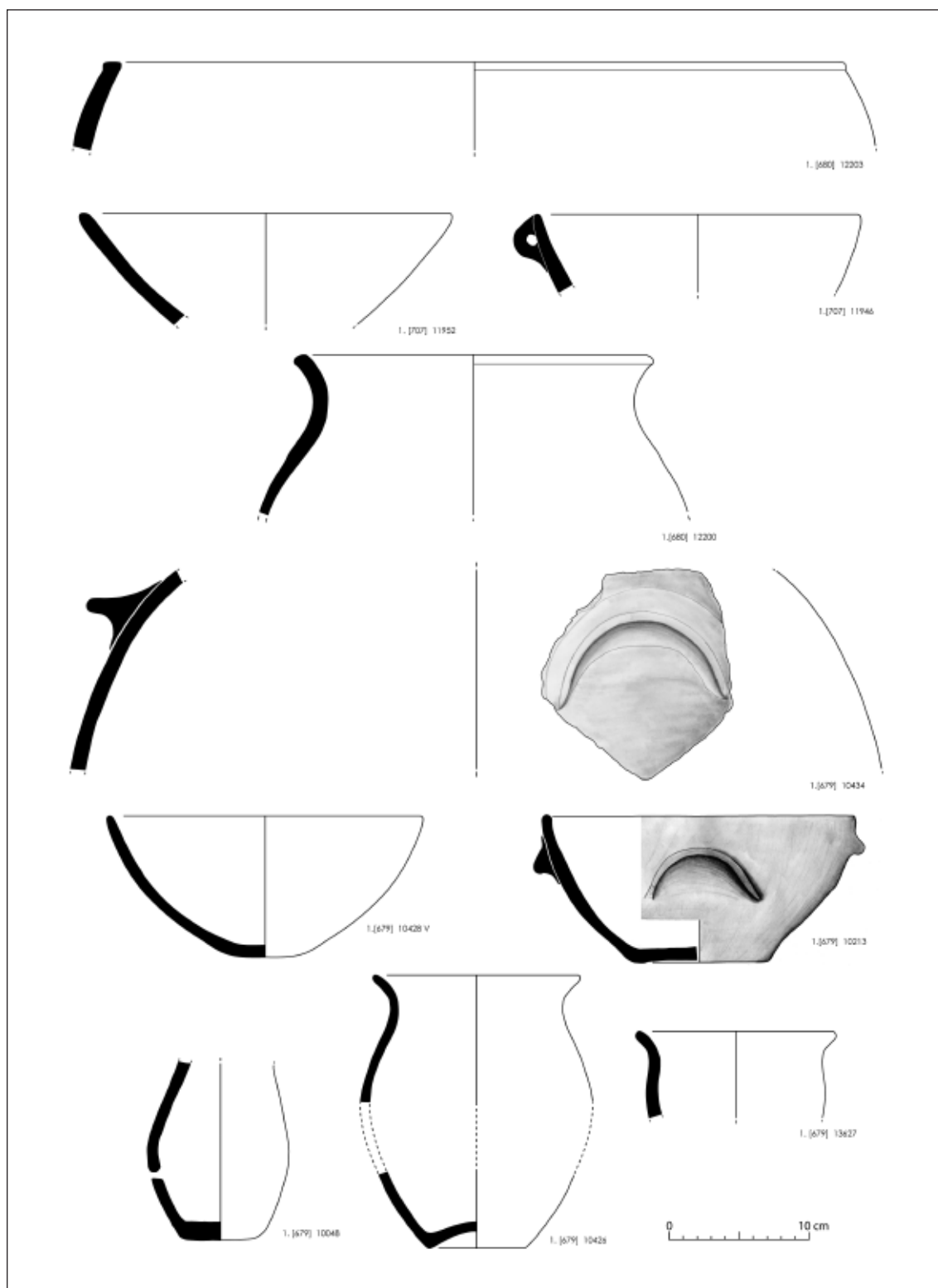


Fig. 8.— Cerâmica manual da fase V recolhida no compartimento 30 (UEs 680 e 707) e no compartimento 32 (UE-679).

podendo, no entanto, oscilar em função dos diversos contextos analisados, como se viu anteriormente. Este valor é consistente com as cifras obtidas em povoados do interior alentejano e na Extremadura Espanhola como por exemplo o Castelo de Medellín (ladeira norte), onde, nos estratos 6 e 7 da ocupação “pós-orientalizante”, a cerâmica manual representa 12.6 % e 9.5 %, respectivamente (Almagro-Gorbea e Martín Bravo 1994). Na última fase de ocupação de Cancho Roano, datada de finais do séc. V, a representatividade deste tipo de olaria oscila entre os 11 e os 15 %, sendo um pouco mais elevada entre as oferendas do sector Oeste (29.4%) (Celestino Pérez e Jiménez Ávila 1993; Celestino Pérez *et al.* 1996). Também em La Mata se registaram valores semelhantes, oscilando entre os 15 e 20 % (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero 2004: 218), aproximando-se, igualmente, da cifra estimada para o Castro da Azougada: 12 % (Antunes 2005).

Os exemplares que permitiram uma classificação distribuem-se, maioritariamente pelos vários tipos de potes/panelas (53% - 167 NMI) e pelo conjunto das taças e/ou tigelas (38% - 119 NMI). Os recipientes integrados na categoria Bacia/Alguidar encontram-se escassamente representados (24 NMI), ainda que, em comparação com as fases precedentes, se registre um importante acréscimo na expressão deste tipo que evolui dos 2 para os 8 %. A baixela de cerâmica manual da fase V é completada por dois pequenos recipientes classificados como copos (1%), que constituem uma novidade no registo arqueográfico do sítio (Fig. 9, nº 7422), apresentando paralelos praticamente exactos em Cancho Roano (Celestino Pérez e Jiménez Ávila 1993: Fig. 35 nº 13), La Mata (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero 2004: 219, forma B.9.b) e no povoado de El Chaparral (Jiménez Ávila *et al.* 2005: 473, fig. 13, nº 9).

As produções manufacturadas deste momento reflectem elementos de continuidade com a olaria da fase anterior, mas também rasgos de inovação, particularmente visíveis ao nível das decorações. O repertório é composto principalmente por formas utilizadas desde longa data, embora algumas questões de pormenor permitam atribuir ao conjunto uma certa personalidade, que as distingue das produções anteriores. Analisando as taças e/ou tigelas, verifica-se, desde logo, que os vasos de morfologia esférica e/ou troncocónica se encontram, mais uma vez, em larguíssima maioria, totalizando 86 % da amostra dos recipientes desta categoria. Os recipientes com esta morfologia apresentam dimensões generosas, com diâmetros frequentemente superio-

res a 20 cm. A aplicação de asas nestes tipos de vasos constitui uma característica exclusiva deste momento, com alguns paralelos coevos que parecem interessantes de referir. Entre as novidades, destacam-se as comumente designadas “asas cegas”, identificadas também nos sítios ditos pós-orientalizantes do Guadiana, concretamente em Cancho Roano (Celestino Pérez e Jiménez Ávila 1996), La Mata (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero 2004: 219) e Castro da Azougada (Antunes 2005), parecendo configurar um tipo característico dos séculos V (segunda metade) e IV a.n.e. As asas de rolo estão igualmente documentadas, verificando-se que a sua aplicação pode ser realizada tanto na vertical (Fig. 8, nº 11946) como na horizontal (Fig. 10, nº 14542). No primeiro caso, trata-se de uma pequena “aleta” colocada sobre o bordo, enquanto que no segundo, a zona mesial da parede foi a eleita para a aplicação de uma espessa asa de rolo, da qual apenas se identificou a parte correspondente ao arranque, e cuja orientação sugere que esta se desenvolveria com uma ligeira inclinação para cima, numa clara alusão às importações áticas, nomeadamente às taças Cástulo. Este exemplar encontra o paralelo mais próximo no sítio recentemente publicado de Los Caños (Rodríguez Díaz *et al.* 2006: fig. 12 nº 8).

Um outro tipo de contentores chama a atenção devido à inovadora técnica decorativa que, normalmente, lhe está associada. Trata-se das bacias/alguidares de tendência esférica, geralmente adornados com cordões plásticos de secção triangular ou asas cegas”, podendo ambos os elementos surgir também associados. É possível reconhecer recipientes de morfologia análoga desde os inícios da ocupação do sítio, ainda que na fase V os exemplares se mostrem excepcionalmente grandes e frequentes, tendo sido documentados em todos os contextos datados da segunda metade do séc. V e do séc. IV. Este tipo de contentores está bem documentado na região na área de Castro Verde (Neves I, Neves II e Corvo I), onde foram interpretados como recipientes para guardar água (Maia e Correa 1985: 263). O exemplar publicado de Neves II (*Idem, Ibidem*, Fig. 9 nº1) é praticamente igual a outros de Castro Marim, deixando antever uma relação próxima entre ambos os sítios, também evidenciada pela ocorrência de cerâmica ática e ânforas tipo Maña Pascoal A.4. No Castro da Azougada (Antunes 2005), em El Castañuelo (Pérez Macías 1991: 15) e em El Chaparral (Jiménez Ávila 2005: 473, fig. 13, nº 2), reconheceram-se, igualmente, recipientes da mesma morfologia e decorados com o mesmo tipo de aplicações plásticas.

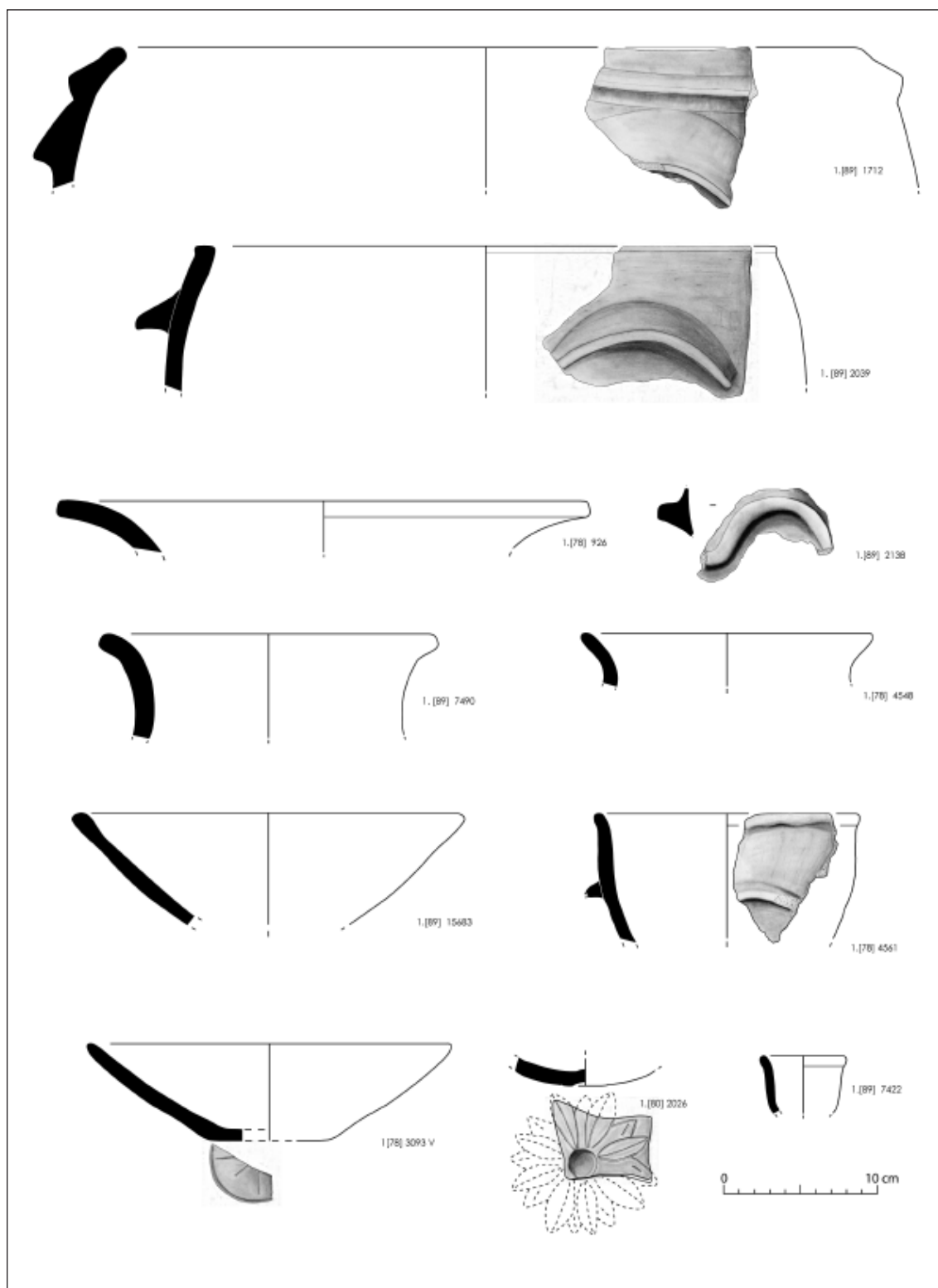


Fig. 9.— Cerâmica manual da fase V recolhida no compartimento 31.

Aparentemente, esta “moda” tende a desaparecer a partir do séc. IV, sendo já vestigial em Capote (Berrocal-Rangel 1992: 338, nº405) e estando ausentes dos contextos do séc. III, em Castro Marim.

No que diz respeito às decorações, importa, desde logo, destacar a relativa sobriedade do conjunto, onde somente 4.5 % dos indivíduos se encontram decorados, coincidindo, quase exactamente, com o valor registado na fase anterior. Contudo, assiste-se a uma profunda alteração das principais opções técnicas utilizadas bem como, dos motivos desenhados. Com efeito, ao nível estilístico a amostra da fase V revela uma personalidade muito própria, vincada, sobretudo, pela preponderância de recipientes ornamentados com aplicações plásticas, particularmente cordões horizontais, que se documentam apenas neste momento de ocupação. Este elemento decorativo adorna, principalmente, recipientes da categoria Bacia/Alguidares. Em casos excepcionais, o cordão encontra-se decorado com pequenos traços oblíquos incisos (Fig. 10, nº 7232), podendo também surgir em associação com as denominadas “asas cegas” (Fig. 9, nº 1712 e 2039; fig. 10, nº 9647). A decoração incisa está, igualmente, documentada mostrando, no entanto, algumas peculiaridades, como por exemplo sua aplicação sobre fundos (Fig. 9, nº 3093 e 2026). A técnica impressa e o desenho de ornatos brunidos encontram-se ausentes deste conjunto.

4. CONCLUSÕES

Pensamos ter ficado claramente demonstrado que durante os séculos VI e V a.n.e. pode apreciar-se uma notável perduração da olaria manual, em ambiente doméstico e virada para o auto consumo, valorizada essencialmente enquanto objecto de utilidade quotidiana. A análise comparada entre os materiais característicos do séc. VI e aqueles mais comuns na segunda metade do séc. V, permite identificar alguns elementos de continuidade, mas também anotar algumas situações de ruptura. Relativamente às formas identificadas é desde logo evidente, a presença de certos tipos básicos comuns a ambos os âmbitos cronológicos, devendo destacar-se os potes/panelas de média e pequena dimensão, assim como as taças. Com efeito, estas formas documentam-se ao longo de toda a ocupação sidérica do sítio, mostrando-se especialmente conservadoras, facto que deixa antever a sua utilidade em contextos muito específicos, para os quais parecem estar particularmente bem adaptadas, concreta-

mente às actividades culinárias. Contudo, é também evidente que, durante a segunda metade do séc. V se assiste ao desaparecimento de algumas das formas características do século anterior, nomeadamente os “vasos à chardon” e as sertãs, ao passo que outras novas são introduzidas (copos). Os recipientes de tendência esférica, apesar de configurarem uma morfologia conhecida desde os momentos mais precoces de ocupação do sítio, surgem durante o séc. V com particular incidência, encontrando-se representados por exemplares de excepcionais dimensões. Todavia, é ao nível das técnicas decorativas que a diferença entre ambos os contextos cronológicos se acentuam, configurando uma situação ruptura, similar à reconhecida na olaria a torno (cf. com Arruda e Freitas neste mesmo volume) De facto, as divergências são tão flagrantes que podem distinguir-se tipos exclusivos do séc. VI (impressões digitais e incisões sobre o bordo) de outros introduzidos apenas da segunda metade da mesma centúria (decoreção plástica aplicada, na forma de cordões e “asas de ferradura”).

Todos os dados se conjugam no sentido estabelecer uma longevidade diferenciada das várias formas em função da natureza, dimensão e destino final dos recipientes. Neste sentido, deve dizer-se que a persistência da olaria manual, é particularmente evidente nos recipientes de armazenagem e confecção de alimentos, ao passo que nos vasos de consumo individual esta tecnologia tende a desaparecer, sendo que em finais do séc. IV já não se documentam exemplares manufacturados. Este fenómeno explica a tendência verificada no decréscimo destas produções, que, no momento da introdução da cerâmica a torno, é acentuado, sendo depois mais progressivo, reproduzindo quase exclusivamente potes/panelas. Com efeito, apesar da olaria a torno reproduzir formas muito similares, os recipientes que foram utilizados como panelas, não chegam a desaparecer do registo arqueológico síderico.

Vários autores têm sublinhado a necessidade de compreender padrões de comportamento de longa duração, que, observados à escala regional ampla, permitam avaliar o grau de autonomia de uma determinada cultura em relação à outra, o que, em última instância, possibilita pensar em implicações de carácter sócio-político. A cerâmica manual assume especial relevância na contrastação das várias áreas regionais do Sudoeste Peninsular, uma vez que se trata de objectos de uso corrente, parte integrante do quotidiano destas comunidades, responsáveis também pelo seu fabrico. As principais tendências aferidas ao longo da ocupação do sítio,

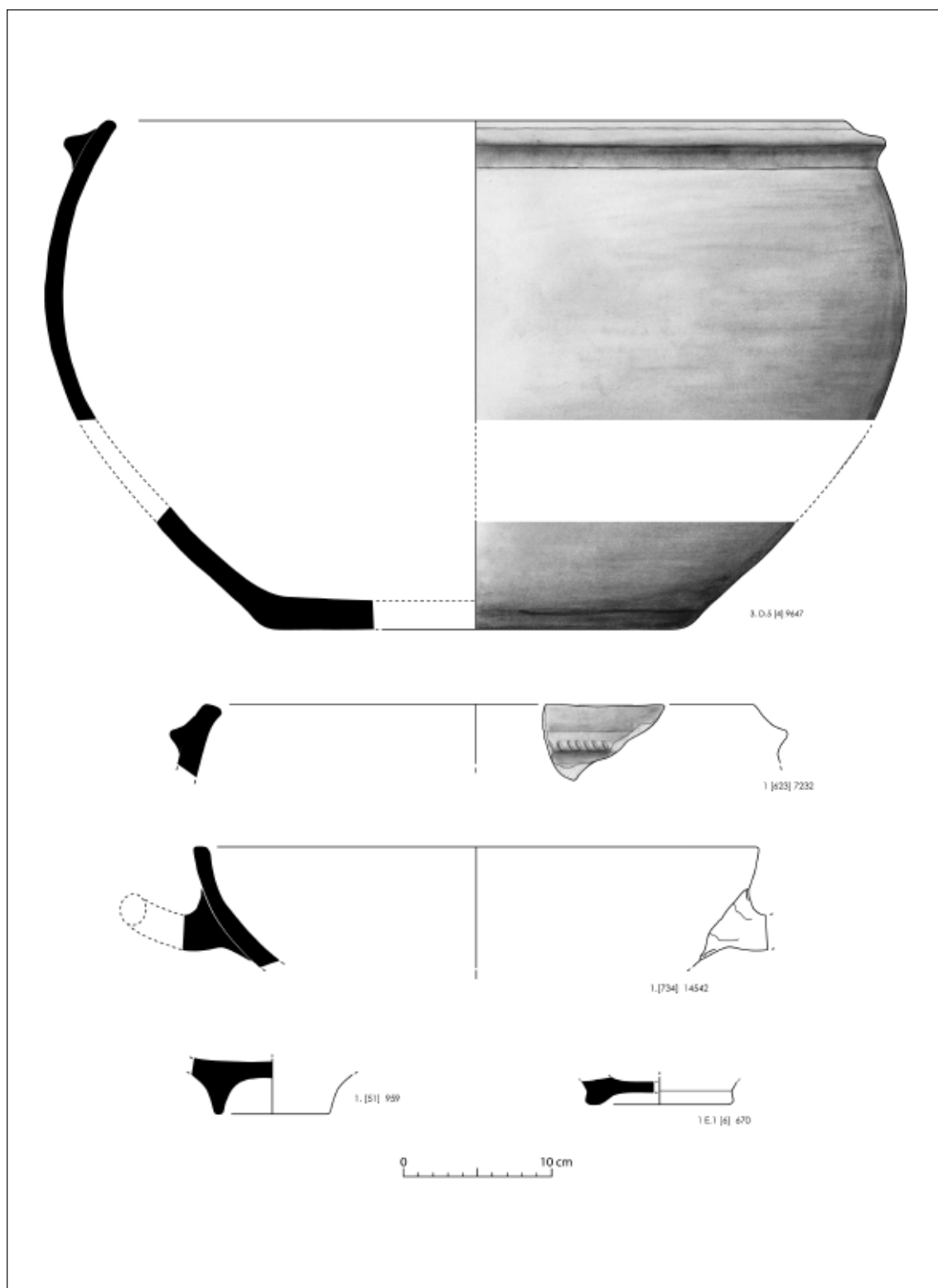


Fig. 10. – Cerâmica manual recolhida em vários níveis da fase V.

corroborando muitas das observações genéricas que têm vindo a ser feitas acerca da evolução da cerâmica manual nas mais diversas paragens. Em primeiro lugar, destaca-se o decréscimo contínuo da cerâmica manual ao longo da estratigrafia, que durante o Bronze Final representa 100% do conjunto (fase I - séc. IX/VIII), caindo para os 11% na derradeira fase da Idade do Ferro (fase V – segunda metade do séc. V-inícios do séc. III). A variação deste índice tem sido, recorrentemente, entendida como indicador de transformação cultural e servido para avançar cronologias, constituindo um dos pontos centrais na discussão e análise das sociedades sidéricas. No que ao Sudoeste peninsular diz respeito, o fenómeno de perduração das cerâmicas manuais manifesta-se de modo diferente quase de sítio para sítio, tendo, no entanto, como denominador comum um decréscimo contínuo, pois, uma vez introduzida a olaria a torno esta desenvolve-se sempre em crescendo nas respectivas estratigrafias.

Como seria de esperar, nos sítios onde as influências orientalizantes se fizeram sentir de modo mais intensivo, a olaria manual é menos expressiva comparativamente com sítios do interior, onde esta técnica subsiste em quantidades apreciáveis, até época avançada da Idade do Ferro. O povoado de Medellín constitui uma verdadeira excepção, demonstrando, desde meados do séc. VI, um percurso muito semelhante ao verificado em Castro Marim, mesmo ao nível das principais formas representadas. Com efeito, em ambos os povoados denota-se que o decréscimo das cerâmicas manuais se ficou a dever, sobretudo, à quebra na produção de recipientes de formas abertas, associáveis ao consumo individual de alimentos, cuja substituição foi prontamente efectuada por vasos fabricados a torno. Por outro lado, verifica-se que a persistência da olaria manual é, particularmente, evidente nos recipientes do tipo pote/panela, não só em Castro Marim, mas também na grande maioria dos sítios com ocupação sidérica orientalizante, como tem sido frequentemente afirmado por diversos autores (Almagro-Gorbea e Martín Bravo 1994: 108; Fabião 1998: 27; Arruda 2002). Assim, parece lógico concluir que a manutenção das produções manufacturadas neste tipo de recipientes, não deve estar relacionada com quaisquer questões de índole cultural, mas antes com factores pragmáticos e funcionais, nomeadamente com as características intrínsecas da pasta cerâmica, cuja abundância de desengordurantes lhe confere uma maior resistência térmica, tornando-as especialmente aptas para aguentarem temperaturas elevadas. Uma outra explicação para este fenómeno pode ser encontrada

em alguns estudos antropológicos e etnográficos que demonstram existência de uma certa resistência às alterações que afectam directamente o âmbito doméstico, em particular os padrões de alimentação. Por outro lado, os aspectos relacionados com a vida pública mostram-se menos conservadores, uma vez que tendem a ser manipulados de forma consciente, jogando um importante papel nas estratégias de mobilidade social (Delgado 2005: 1255). Esta capacidade de manipulação consciente confere um carácter ambíguo à cultura material quando, a partir desta, se tentam extrair identidades étnicas.

Como tem sido referido por vários autores, a continuidade da técnica manufacturada não se pode imputar unicamente à manutenção de um nível de produção familiar, a par de outro estandardizado que fabricaria a cerâmica a torno (Gibson *et al.* 1998: 203; Mataloto 2004: 78), embora esta pudesse ser, também, uma realidade (Fabião 1998: 65). Com efeito, os poucos dados que se podem manejar neste sentido deixam antever um quadro mais complexo, abrindo portas para que possa pensar-se no comércio de cerâmica manual, ainda que este possa ter sido fundamentalmente local. A este respeito são particularmente interessantes as análises realizadas sobre alguns recipientes de produção manual de Abul, que demonstraram uma produção situada a dezenas de quilómetros do local (Schmitt 2000: 279). Também em Castro Marim se identificou um grupo de fabrico cujas características diferenciadas (presença de micas) sugerem, igualmente, uma procedência exterior ao âmbito local do povoado. É interessante notar que os recipientes fabricados com este tipo de pastas são sempre muito minoritários, só adquirindo uma importância maior a partir da segunda metade do séc. V a.n.e, quando surgem especialmente em grandes contentores de tendência esférica, classificados como bacia/alguidar, que, como já se viu apresentam uma ampla distribuição ao longo do curso do Guadiana. A análise efectuada às amostras isoladas para cada uma das fases tratadas, revelou um conjunto de afinidades com diversas áreas geográficas que, a modo de conclusão, importa sublinhar novamente. Todavia, não creio ser possível estabelecer uma relação directa entre as semelhanças e dissemelhanças evidenciadas na cultura material de determinadas comunidades e a sua integração numa mesma etnia, pelo menos partindo do estudo de um único item artefactual. Não obstante, se estas afinidades não devem ser sobrevalorizadas, por outro lado, também não podem ser esquecidas, sob pena de passarmos ao lado de uma questão central na análise do relacionamento inter-regional das

sociedades que ocuparam o Sudoeste Peninsular em época proto-histórica. A ocupação de Castro Marim durante o séc. VI vem na sequência directa das anteriores, mantendo-se a mesma matriz oriental no espólio e na arquitectura. A cerâmica a torno denuncia a integração do sítio numa “*koiné* orientalizante”, sendo incontornáveis as suas relações com o “mundo fenício” da região Onubense e vale do Guadalquivir (cf. Arruda e Freitas, neste volume). Com efeito, cerâmica manual recolhida nos níveis da fase IV reproduz basicamente o mesmo tipo de recipientes já conhecidos em época anterior, ainda que estes surjam agora representados em proporções diferentes, com clara vantagem para os potes/panelas, ao invés do que sucedia no séc. VII, quando as taças e tigelas dominavam o conjunto. No entanto, denota-se a ausência de algumas formas que anteriormente se encontravam representadas por exemplares únicos (lucernas), assim como a introdução de outras novas, também escassamente representadas (sertã). As maiores diferenças são visíveis ao nível das técnicas decorativas, salientando-se o desaparecimento da decoração pintada e “beliscada”. Os vários paralelos arrolados para o conjunto da fase IV evidenciam a manutenção dos contactos com a área Onubense e Baixo Guadalquivir.

Durante a fase V (primeira metade do séc. V - séc. III) assiste-se a uma assinalável continuidade ao nível das principais formas produzidas em cerâmica manual. Por outro lado, verifica-se uma profunda alteração nas técnicas decorativas, emergindo como opção favorita a aplicação de elemento plásticos. A identificação de um conjunto tão expressivo de cerâmica manual em momento avançado da Idade do Ferro torna-se particularmente significativa no quadro “histórico” da região onde se insere Castro Marim. Com efeito, o estudo de determinados tipos cerâmicos de grande circulação (cerâmica Ática ou cerâmica tipo Kuass) sugere que a partir do séc. V as relações entre o Algarve litoral e a Andaluzia ocidental permitem antever um único esquema cultural e social em ambas regiões, sendo possível constatar a extensão da entidade política e económica dita Turdetana até ao Algarve Ocidental (Arruda 2005: 105). Todavia, nas publicações das várias intervenções arqueológicas levadas a efeito na cidade de Huelva, denota-se que, a partir de meados do primeiro milénio a.n.e a cerâmica manual quase que desaparece do registo arqueográfico (Rufete Tomico 2002). O fenómeno de perduração em Castro Marim poderá ser explicado pelo intenso contacto mantido com as populações do interior, entre as quais a técnica manual subsiste até época avançadas, chegando a coincidir com o advento da

romanidade (veja-se por exemplo o caso de Mesas do Castelinho, Fabião 1998: 65). Este facto, parece evidenciar uma clara vocação comercial do sítio que, conforme tem sido defendido desde as primeiras intervenções, poderia actuar como centro redistribuidor, mantendo, assim, um contacto privilegiado com as comunidades interiores.

5. BIBLIOGRAFIA

- A.A.V.V. (1989): *Inhumaciones infantiles en el ámbito mediterráneo español (siglos VII aE. Al II d.E)*. Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses 14. Castellón
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977): *El Bronce Final y el periodo Orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistorica Hispana XIV. Madrid
- ALMAGRO-GORBEA, M. e MARTIN BRAVO, A.M. (1994): “Medellín 1991. La ladera Norte del Cerro del Castillo”. *Castros y Oppida en Extremadura*. *Complutum* Extra 4. Madrid.
- ANTUNES, A. (2005): *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. (Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- ARRUDA, A.M. (1997): *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa.
- (2002): *Fenícios em Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- (2005): “O 1º Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século”. *O Arqueólogo português* (série IV) 23: 9-156.
- ARRUDA, A.M., FREITAS, V.T. DE e OLIVEIRA, C.F. (no prelo): “Os fenícios e a urbanização no Extremo Ocidente: o caso de Castro Marim”. *Las ciudades fenicio-púnicas en el mediterráneo Occidental. III Coloquio Internacional Centro de Estudios Fenicios y Púnicos*. Adra, Dezembro 2003.
- ARRUDA, A.M., FREITAS, V.T. DE, OLIVEIRA, C.P. DE, CARRETERO, P., BARGÃO, P., SOUSA, E. e LOURENÇO, P. (no prelo): “Castro Marim: um santuário na foz do Guadiana”. *Actas do IV Simpósio Internacional de Arqueología de Mérida – Santuários, oppida y ciudades: Arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterraneo Occidental*. Mérida, Novembro 2005.
- AUBET SEMMLER, M.E., SERNA, M.R., ESCACENA, J.L. e DELGADO, M.M. (1983): “La Mesa de Se-

- tefilla, Campaña de 1979". *Excavaciones Arqueológicas en España* 122. Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992): "El Altar preromano de Capote. Ensayo etnoarqueológico sobre un ritual céltico en el suroeste peninsular". *Série arqueológica* 2. Badajoz.
- CAMPOS, J.M., VERA, M. y MORENO, M.T. (1988): *Protohistoria de la ciudad de Sevilla. El corte estratigráfico San Isidoro*. Sevilla.
- CELESTINO, S. ed. (1996): *El Palacio-Santuario de Cancho Roano V-VI-VII. Los Sectores Oeste, Sur y Este*. Badajoz.
- (2001): "Los santuarios de Cancho Roano. Del indigenismo al orientalismo arquitectónico". En Ruíz Mata y Celestino (eds.): *Arquitectura Oriental y Orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: 17-56.
- CELESTINO, S., JIMÉNEZ ÁVILA, F.J. (1993): *El Palacio-Santuario de Cancho Roano IV. El Sector Norte*. Badajoz.
- DELGADO, A. (2005): "Multiculturalidad y género en las colonias Fenicias de la Andalucía mediterránea: Un análisis contextual de las cerámicas a mano del Cerro del Villa (Málaga)". In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, vol. II. Madrid-Cádiz: 1249-1260.
- DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, C., CABRERA, P. e FERNÁNDEZ, J. (1988): "Cerro de la Cabeza (Santiponce, Sevilla)". *Noticiario Arqueológico Hispánico* 30:119-186.
- FABIÃO, C. (1998): *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área celtica do território hoje português*. (Dissertação de Doutoramento inédita. Universidade de Lisboa) Lisboa.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. (1988-89): *Tartessos y Huelva*. Huelva. Huelva Arqueológica, X-XI. Huelva.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. e RUIZ MATA, D. (1986): *El yacimiento de época tartésica de San Bartolomé del Almonte*. Huelva Arqueológica IX. Huelva.
- GARRIDO, J.P. (1970): "Excavaciones en la necrópolis de La Joya (Huelva). 1ª y 2ª Campañas". *Excavaciones arqueológicas en España* 71. Madrid.
- GARRIDO, J.P. e ORTA, E.M. (1978): "Excavaciones en la necrópolis de La Joya (Huelva), II (3ª, 4ª y 5ª Campañas)". *Excavaciones arqueológicas en España*, 96. Madrid.
- GIBSON, C., CORREIA, V.H. e BURGESS, C.B.; (1998): "Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993". *Journal of Iberian Archaeology* 0: 189-244.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J., ORTEGA, J. e LÓPEZ-GUERRA, A.M. (2005): "El Poblado de El Chaparral y el asentamiento del hierro antiguo en la comarca de Mérida". *Excavaciones arqueológicas en Mérida. Memória* 8: 457-485
- LADRÓN DE GUEVARA, I. (1994): *Aportación al estudio de la cerámica con impresiones digitales en Andalucía*. Cádiz.
- MAIA, M.G.P. e CORREA, J. (1985): "Inscription en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico". *Habis* 16: 243-274.
- MANSEL, K. (2005): "Una contribución a la formación social del Cartago Arcaico. La cerámica a mano de los s. VIII y VII a. C." *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*, vol. II. Cádiz-Madrid: 260-268.
- MATALOTO, R. (2004): *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a. C. do Alentejo Central*. Trabalhos de Arqueologia 37. Lisboa.
- MAYET, F. e SILVA, C.T. (2000): *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris.
- PEREIRA, I. (1997): "Santa Olaia et le commerce atlantique". *Itinéraires lusitaniens. – trente années de la collaboration archéologique luso-française*. Paris: 209-253.
- PÉREZ MACIAS, J. (1991): *Castañuelo, los orígenes de la Baeturia Céltica*. Huelva.
- RUFETE, P. (2002): *El final de Tartessos y el periodo Turdetano en Huelva*. Huelva Arqueológica XVII. Huelva.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., ORTIZ ROMERO, P. (2004): "La Mata, un edificio organizado". In Rodríguez Díaz (ed.): *El Edificio protohistórico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: 75-314.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., CHAUTÓN PÉREZ, H. e DUQUE ESPINO, D.M. (2006): "Paisajes rurales protohistóricos en el Guadiana Medio: Los Caños (Zafra, Badajoz)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (1): 71-112.
- RUIZ MATA, D. (1995): "Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el tiempo y el espacio tartésico". *Tartessos. 25 años despues (1968-1993)*. Jerez de la Frontera: 265-314.
- SCHMITT, A. (2000): "Étude pétrographique des céramiques phéniciennes d'Abul". *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris.